

Sábado

16-05-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 595 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 8

EDITORIAL

Os que estão incomodados com a montanha de papel que o juiz Ivo Rosa enfrenta no caso marquês, nunca piaram quando outros juízes tiveram de enfrentar o mesmo, nos processos Casa Pia, BPN ou Operação Furacão



E

Diretor

Eduardo Dâmaso

E

Os trabalhos de Ivo Rosa

Os trabalhos do juiz Ivo Rosa na instrução do processo Marquês causaram espanto a muito boa gente. Passe a redundância, mas não deixa de ser espantoso este espanto seletivo. Mais extraordinário ainda é a quantidade de especialistas que por aí anda em matéria de gestão processual de um inquérito. Não são poucos os que têm a certeza que sem megaprocessos a justiça portuguesa chegaria mais depressa aos culpados dos crimes. Na verdade, seria melhor não existirem megaprocessos, embora isso não signifique necessariamente que se chegaria mais depressa a resultados. Convém, sobretudo, saber que isso implica mais umas quantas mudanças na lei que ninguém – de magistraturas a políticos – tem sabido defender com oportunidade e clareza. Muito menos os ditos “especialistas”, feitos comentadores. E que, claro, os megaprocessos não existem necessariamente por vontade de quem os investiga mas de quem legisla.

Por partes: quem tem acompanhado a justiça portuguesa nas últimas décadas sabe que a regra tem sido a montanha de papel, como muito bem definia há dias o presidente da associação sindical dos juízes, Manuel Soares. O paradigma da montanha de papel foi fatal nas investigações do Fundo Social Europeu e em todos os processos de corrupção que não conseguiram fazer uma investigação em tempo real e tiveram de se resignar com o trabalho em cenário de autópsia. Quando os investigadores conseguiram inverter essa lógica, como aconteceu no processo Face Oculta, os mesmos que hoje se indignam com os trabalhos do pobre Ivo Rosa vieram para a praça pública gritar contra as escutas, a prova indireta. Chegaram mesmo a acusar a PJ de Aveiro de fazer espionagem.

Depois, a montanha de papel só aflige o juiz de instrução ou o de julgamento? Não vale para o Ministé-

rio Público ou para os órgãos de polícia criminal? Vale para todos. Assim mandam os princípios da legalidade e da oficialidade, que representam uma verdadeira tenaz para a organização judiciária, em particular para o MP na fase de inquérito. É certo que na definição do objeto do inquérito e na gestão do que pode ser investigado autonomamente há uma pequena margem que pode ser gerida mas isso depende, e muito, da volatilidade de cada investigação. Como poderia, no caso do Marquês, o MP retirar Salgado ou Batalha de uma história absolutamente comunicante com os interesses, o dinheiro e as ações destes?!

Podem defender agora que o processo Marquês é um “monstro”. Percebe-se que é a nova argumentação dos mesmos que atacaram a investigação desde o princípio. Como costuma dizer o povo, vozes de burro não chegam ao céu. Não queiram é atirar areia para os olhos dos outros. Espantoso é como não se incomodaram antes com o papel que outros juízes tiveram de enfrentar, como Ana Peres, na Casa Pia, os que julgaram o BPN ou Carlos Alexandre, na Operação Furacão, onde o próprio Ivo Rosa teve intervenção. E como nunca perceberam que são necessários mais e melhores meios para os juízes e os tribunais.

E

A vitória de António Costa

O primeiro-ministro estava em plano totalmente inclinado na campanha das Europeias e a antever que não teria maioria absoluta nas Legislativas. Com o psicodrama dos professores conseguiu retomar a liderança política e enfrentar o ciclo eleitoral mais à vontade. Mas a vitória, a sua dimensão e longevidade, só na noite do próximo dia 6 de outubro se conhecerá. Que adiantará a Costa ganhar agora nas análises e nos comentários se sair das legislativas sem margem para fazer um Governo estável ao centro ou mesmo à esquerda!? É certo que o BE vai amansar até lá, mas isso é garantia de um Governo para toda a legislatura!? Enfim, o jogo ainda mal começou. ▣